

# Comunidade Linux ganha adeptos



## Linux é uma alternativa em Portugal

■ Apesar de alguma desconfiança por parte dos utilizadores, o *software* Open Source já é uma opção. A maior procura provém do sector público

Fátima Ferrão

Num estudo levado a cabo em Abril de 2004, a **International Data Corporat** (IDC) concluiu que não há utilizadores de **Linux** insatisfeitos. Um ano depois, durante o III Encontro Nacional sobre Tecnologia Aberta, as opiniões não são muito diferentes. O **Linux** é referido como uma alternativa ao modelo tradicional de aquisição de *software*.

Para as empresas que lidam diariamente com o **Linux**, quer ao nível dos sistemas operativos, quer ao nível das aplicações, a opinião também é unânime: o crescimento deste mercado em Portugal tem sido progressivo, mas consistente. «A procura tem sido mais acentuada no último ano e meio», salienta **Luís Diniz Santos**, **Linux Business Development** da **IBM Portugal**. «A evolução faz-se sentir mais no back office (servidor) do que no desktop, situação que se deve, sobretudo, a uma evolução mais lenta dos produtos de produtividade individual e colaborativa, mas também por uma questão cultural e de resistência à mudança», defende o mesmo responsável.

«O **Linux** em Portugal é uma realidade», exulta **Rui Ribeiro**, *professional services manager* da **Sybase**. Segundo este gestor, o crescimento do **Linux** tem sido sustentado e seguro. Numa primeira fase, as empresas adoptaram esta tecnologia para a gestão de redes e **WebServer**, enquanto o passo seguinte e actual tem sido o da introdução do **Linux** ao nível aplicacional. «Só falta colocar o **Linux** nos desktop dos utilizadores finais», acrescenta. **Nuno Lopes**, *business partner manager* da **Novell**, vai mais longe. «Tem sido muito interessante verificar que as empresas procuram **Linux** mesmo para as áreas de desktop para reduzir os custos de licenciamento, conseguindo assim diminuir a taxa de *software* instalado não licenciado».

Segundo o mesmo responsável, este mercado tem vindo a crescer em quantidade e em qualidade, sendo hoje em dia mais maduro e apetecível. «Actualmente, é comum vermos o **Linux** em datacenters, suportando aplicações críticas, como é o caso da **SAP** ou da **Oracle**, e não só nos web servers, proxies ou firewalls», salienta. Um outro ponto muito positivo em



relação ao **OpenSource**, refere ainda **Nuno Lopes**, prende-se com as directivas comunitárias e com a intenção de as instituições públicas reduzirem custos, mantendo as mesmas funcionalidades, e aumentarem o seu capital intelectual. «Além de ser uma tecnologia, este é também um novo modelo tecnológico/social».

Um bom exemplo disso é o trabalho desenvolvido pela **iPortalMais**. Esta empresa trabalha com **Linux** desde a sua criação, em Maio de 2000. «Nessa altura apostámos no **Linux** como uma oportunidade de negócio», conta **Raúl Oliveira**, director-geral da **iPortalMais**. Contudo, a actividade da empresa não podia assentar unicamente na prestação de serviços sobre **Linux**, porque tal era impossível com a penetração deste sistema operativo no mercado nacional. «Os clientes que aceitavam usar **Linux**, faziam-no mais porque confiavam no capital humano da empresa do que propriamente na tecnologia», acrescenta. Cinco anos depois, a **iPortalMais** passou de uma fase de prestação serviços em **Linux** a alguns clientes, para desenvolver a sua distribuição **Linux IPBrick** para servidores, que coloca no mercado através da sua rede de 80 revendedores. «O mercado **Linux** em Portugal cresceu

imensamente; as pessoas já sabem o que significa e percebem a redução de custos que isso acarreta», irisa.

**Manuela Ferrer**, responsável de *marketing* da **CristalData**, destaca uma evolução positiva, mas com uma expressão ainda muito reduzida para este mercado em Portugal. No entanto, está a ganhar terreno, o que se justifica «pelo crescente conhecimento da oferta em **Linux**. Os utilizadores e os técnicos especializados em soluções integradas, complexas começam a encontrar no **Linux** uma solução base para a infra-estrutura tecnológica, uma solução robusta, fiável, de fácil instalação e manutenção e, acima de tudo, extremamente barata». **Paulo Vilela**, gestor de produto da **Sun Microsystems Portugal**, acrescenta: «O número de pessoas nos eventos dedicados a **Linux** ou *open source* em geral é crescente. Começam a haver instalações críticas de negócio em **Linux** e cada vez mais se vêem mais propostas com **Linux** em concursos públicos».

### Uma boa alternativa

A ideia generalizada de que o **Linux** é gratuito não está longe da verdade, mas também não corresponde totalmente à realidade. Esta tecnologia,

nascida no meio universitário, começou por ser uma alternativa barata a outros modelos de *software*, porém, evoluiu e é agora uma opção considerada pelo seu custo inferior e pelas suas qualidades.

Para **Luís Diniz Santos**, da **IBM**, se observarmos especificamente o conceito, o **Linux** é uma alternativa a modelos tradicionais de aquisição de *software*. «Logo à partida porque há uma deslocação dos custos com *Royalties* por utilização do *software*, para custos com serviços de suporte/apoio à instalação e operação, o que representa um maior valor acrescentado por euro investido», explica.

Esta situação deriva do tipo de licenciamento do **Linux** (**GNU/Linux**) que é diferente do *software* tradicional ou proprietário. O licenciamento **GPL** (**General Public Licence**) a que está obrigado o utilizador de **Linux** confere o direito à cópia, utilização, modificação e distribuição do *software*, sendo que as modificações introduzidas devem ser devolvidas à comunidade e os produtos derivados devem manter os mesmos termos do licenciamento original. Esta é a base de sustentação de um *software* que é desenvolvido sem cus- ➔

→ tos e que é de livre acesso, o que à partida colocaria em questão a sua comercialização num modelo tradicional sem que fosse acrescentado valor. «Por seu turno, o consumidor final mais facilmente pode almejar a excelência, ao nível do código e do suporte», conclui Luís Santos.

«O Linux tem vindo a afirmar-se como uma excelente alternativa», concorda Paulo Trezentos, administrador da Caixa Mágica. E para dar alguns exemplos, acrescenta: «O Apache é líder nos WebServers, o Firefox está a ganhar terreno na guerra dos browsers e o OpenOffice está a ser progressivamente adoptado em grandes organizações.» Na opinião deste responsável, o modelo tradicional continuará a existir mas terá de partilhar o mercado com as soluções emergentes baseadas em open-source. Por outro lado, salienta ainda, «as organizações continuam a precisar de alguém que prepare, adapte e integre o software open-source às suas necessidades».

É pelo facto de ser um conceito inovador de distribuição de software que o Linux é uma verdadeira alternativa, acredita Rui Ribeiro, da Sybase. Por existirem várias comunidades de developers permite um enriquecimento do próprio produto e dos seus componentes, ao invés de estar concentrado num único conjunto de pessoas e, consequentemente, ser limitado. A juntar a isto, explica, «o modelo de aquisição tradicional obriga a dependências demasiado penalizadoras para quem quer evoluir e adaptar os softwares base às suas necessidades tendo, por vezes, de esperar vários meses, e nalguns casos anos, para ver o seu requisito solucionado numa próxima versão».

Na opinião de Paulo Vilela, da Sun, para quem queira e tenha a possibilidade de fazer o seu próprio suporte, o ganho económico do Linux é incontestável. Os modelos de TCO (Total Cost of Ownership) que são apresentados em campanhas publicitárias normalmente referem-se a mercados onde o custo de mão-de-obra é bastante maior do que em Portugal, pelo que aqui não se aplicam. E exemplifica: «As empresas e o Estado ainda não regularam correctamente este tipo de aquisição, pois continuam a considerar apenas marcas (caso da Direcção-Geral do Património), ou têm verbas para licenciamento mas não para suporte». Ainda segundo este responsável, era bom que esta regulação se fizesse, nomeadamente, para que o Estado português, «em défice crónico, possa utilizar o software open-source como um modo de efectuar poupanças significativas».

«É um modelo mais justo», junta Nuno Lopes da Novell. Em primeiro lugar, justifica, porque o valor que os clientes pagam permite-lhes investir melhor os seus budgets. Em segundo lugar, permite aos clientes uma melhor flexibili-



Gettyimages/Imagône

dade de trabalho e de escolha. E, em terceiro, este novo modelo de licenciamento vem ao encontro das necessidades do mercado permitindo que os clientes usufruam das suas vantagens.

#### Custo por solução

Num modelo de aquisição tradicional de software, existe sempre um custo por utilizador envolvido no pacote. No caso do Linux, e como salienta Raúl Oliveira, da iPortalMais, o custo indexado refere-se à solução e não ao número de utilizadores. Essa redução do custo de licenciamento pode então ser usada noutras actividades de manutenção dos sistemas de informação da empresa como, por exemplo, na organização de todo o parque informático e na forma coerente e consistente como as pessoas guardam a informação nos servidores, de modo a que em caso de alguma avaria nas estações de trabalho ou servidores se possa repor o serviço em pouco tempo. «Sabendo que o Linux é instalado por empresas nacionais, e de carácter local, obviamente que o modelo subjacente ao Linux tem um impacto muito grande na nossa economia».

Trata-se, pois, da substituição de licenças de software de base por prestação de serviços. Isto tem duas vantagens, «para quem presta serviços e para quem compra a solução», defende Raúl Oliveira. Para a entidade que pratica os serviços passa a operar com margens muito maiores; no que diz respeito ao cliente, a partir do momento que deixa de gastar o seu orçamento em licenças e o direcciona para a aquisição de serviços que lhe permitem melhorar o desempenho e a organização da empresa, isso é uma

vantagem enorme. Como refere ainda o responsável da iPortalMais, «no global é o país que ganha, e não é por acaso que a maioria dos países europeus estão a adoptar esta estratégia na administração pública, porque sabem bem o impacto de medidas destas no seu PIB, balança comercial etc.»

De facto, a substituição de licenças de software importado por trabalho e mão-de-obra nacional aumenta o PIB, ao mesmo tempo que, reduzindo as importações, a balança comercial agradece.

Para Manuela Ferrer, internacionalmente, o Linux ganha terreno na oferta da especialidade e na implementação de infra-estruturas tecnológicas, não só pela fiabilidade e pelo baixo preço das distribuições Linux, como também «pelas aplicações incluídas em pacotes como o Suse, pacotes que incluem software para o utilizador Office, para o especialista/programador e para o técnico de infra-estruturas». Estas razões, por si só, colocam o Linux numa posição privilegiada. «Se acrescentarmos a esta oferta, o baixo custo face a qualquer outra alternativa, bem como a rede silenciosa de especialistas em constante desenvolvimento, espalhados por toda a Net, temos uma oferta dinâmica, em constante actualização e inovação», conclui Manuela Ferrer. Os ingredientes necessários para o sucesso.

#### Vantagens e desvantagens

Como em tudo na vida, também no campo das tecnologias estão subjacentes vantagens e desvantagens. Contudo, confrontados com esta questão, os players inquiridos pelo

Semana manifestam o seu acordo ao enumerar um elevado número de vantagens.

Luís Diniz Santos, da IBM, destaca como vantagens a independência de fabricantes de software e de hardware. «Ao contrário do que acontece com grande parte dos sistemas operativos proprietários, o desenvolvimento do Linux observa os standards internacionais e o seu código está disponível». Isto permite que um maior número de fabricantes desenvolva produtos para aquele sistema operativo, o que aumenta o grau de independência na hora de escolher. A interoperabilidade entre sistemas e aplicações e a flexibilidade, uma vez que pode ser modificado para responder às necessidades particulares de cada um, são outros dos benefícios apontados.

Neste momento, «e comparativamente com outros SOs, as vantagens tendem a pesar muito mais do que as desvantagens», refere Paulo Trezentos, da Caixa Mágica. Para este responsável, as principais vantagens são a segurança, a robustez e o custo. Mas a segurança é igualmente importante no desktop. «A frequência de

problemas por vírus e malware em geral é tão grande que implica uma notória perda de produtividade nas organizações, mesmo as mais bem equipadas com dispositivos de segurança e antivírus».

Para Paulo Vilela, da Sun, o Linux é francamente mais económico relativamente ao Windows. Por outro lado, refere, não acorrenta ninguém a um determinado fornecedor, dando uma margem negocial que é inexistente numa situação de monopólio. «As correcções são feitas mais rapidamente, o que também lhe confere maior robustez». Ao nível da inovação, como é aberto, as capacidades são imensas.

«É uma plataforma muito mais estável e segura», adianta Nuno Lopes, da Novell. O seu desenvolvimento não está dependente de uma organização com interesses comerciais mas sim numa comunidade que trabalha com o objectivo de encontrar respostas às necessidades do mercado. Por outro lado, é mais seguro, «pois o seu código prima pela transparência e não pela obscuridade».

Além das vantagens acima enunciadas, Raúl Oliveira, da iPortal Mais, não deixa de referir que o Linux é um sistema operativo que tem valores muito elevados no que diz respeito a desempenho, fiabilidade e robustez e segurança, «uma das pérolas do Linux».

Para a Sybase, as desvantagens técnicas não existem. Contudo, em termos de negócio, Rui Ribeiro considera que este sistema operativo «ainda tem um longo caminho até ganhar maior quota de mercado; as distribuições de Linux têm de ser mais profissionais na forma como gerem o seu negócio no futuro». ■